



# Miguilim

revista eletrônica do netlli  
volume 6, número 1, Jan.-Abr. 2017

## POESIA ALÉM DO ESPAÇO E DO TEMPO: HINOS EPIFÂNICOS NA LÍRICA DO OCIDENTE E DO ORIENTE



## POETRY BEYOND SPACE AND TIME: EPIPHANIC HYMNS IN EASTERN AND WESTERN LITERATURE

Tiago Eric de ABREU  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)  
RECEBIDO EM 21/01/2017 • APROVADO EM 20/04/2017

---

### Abstract

---

The present study assembles the poets and essayists Rabindranath Tagore (India, 1861-1941) and Octavio Paz (Mexico, 1914-1998), reflecting on the common foundation that approximates their works. Focusing on comparative studies of literature, the concepts brought by the new paradigms of knowledge, that gather together arts, science and metaphysical ideas, direct the research of the visionary intuition understood as the source of mystical intelligence in poetry. The hermeneutics of visionary experience drawn forth by the French philosopher Henry Corbin, associated to the consciousness primacy theory of quantic physics, direct the present study to an integrative appreciation of the poetic texts from east and west literature. Focusing

on how does the *epiphanic* experience create an ethic consciousness in artwork, the present investigation proposes questions about the psychic dimension of poetic experience reflected on symbols shared among the collected texts. The appointments suggest links between inherited archetypical ideas of humanity and poetic images echoing in modern literature, leading to the understanding that poetry can attain inspiration in subtle states of consciousness. The main point meant by the scrutinies of the present work is the relation between cosmic consciousness, poetry and music, that is, how does theophany promotes the conjunction of collective and personal dimensions of self, as that phenomenon is visible in the poets' works.



---

## Resumo

---

Reúnem-se no presente estudo textos de dois escritores modernos: Rabindranath Tagore (1861-1941), nascido na Índia, e o poeta mexicano Octavio Paz (1914 – 1998). Pelo prisma da intuição visionária como fonte da escritura, o estudo relaciona a interpretação da imaginação mitopoética com os fenômenos da inspiração, abordando o tema partindo da literatura comparada, cotejando textos de poetas visionários. Para o estudo das correspondências entre os símbolos da poesia oriental e ocidental, abrange-se o campo semântico da psicologia analítica de Carl Gustav Jung. A hermenêutica da experiência visionária, de Henry Corbin, aliada à perspectiva do primado da consciência, conforme explanada pelos novos paradigmas do conhecimento, convergem para uma apreciação integrativa da poesia e da musicalidade na obra de Tagore, bem como suas correspondências com a escritura de Octavio Paz. Buscando elucidar o fundamento comum entre os poetas, o estudo enfoca as transformações da consciência ética, resultantes da experiência do escritor com a dimensão arquetípica da arte, e propõe reflexões sobre a forma com que os fenômenos anímicos se realizam em imagens na escritura poética.

---

## Entradas para indexação

---

**Keywords:** Modern poetry. Comparative symbology. Mythopoiesis. Lyrical musicality.

**Palavras-chave:** Poesia moderna. Simbologia comparada. Mitopoesia. Musicalidade lírica.

---

## Texto integral

---

¡Un instante me escuchen,  
que cantar quiero  
un Instante que estuvo  
fuera del tiempo!  
CRUZ (1969, p. 256).

## INTRODUÇÃO

A linguagem poética aparece entre as mais antigas manifestações humanas que expressam a epifania das experiências transcendentais<sup>1</sup>, conforme se pode ler nos versos de poetas medievais e modernos do oriente e do ocidente, bem como nos hinos védicos da Índia, apresentando-se, na poesia do escritor, pintor, educador e pensador indiano Rabindranath Tagore (1861-1941), primordialmente, como canto. Em 1913, Tagore foi laureado pela academia sueca com o prêmio Nobel de Literatura por sua obra *Gitanjali* (livro traduzido pelo próprio poeta como “*Song Offerings*” – “Oferenda Lírica”).

De acordo com Subhas Sarkar, estudioso da obra de Tagore,

Tagore wanted to render in his poetry ‘the great music of the world’ which he heard and felt all around him. He wanted to utter in his poetry the joy and simplicity of creation for he ‘wanted to make his own life’ simple and straight, ‘like a flute of reed’ for God to fill with music’. The *Song Offerings* celebrate the great harmony and joy of Creation. Both in theme and structure, the poems of Tagore’s English *Gitanjali* are musical and lyrical, enriched by the poet’s ‘music of ideas’ as well as the music of structure and pattern, achieved by the poet’s rare blending of speech and harmony.<sup>2</sup> (SARKAR, 2004, p. 179).

O lirismo no canto epifânico é uma manifestação da exaltação poética e do êxtase, do arrebatamento da consciência que, através do pulso rítmico e melódico da música-poesia, é elevada a outras dimensões de percepção do ser e do universo. O canto está presente na obra poética e dramática de Tagore: as *Gitanjali* são canções compostas pelo escritor, tendo sido originalmente grafadas na língua Bengali do norte da Índia, e transcritas por Tagore para a língua inglesa. A obra *Gitanjali* representa uma peregrinação aos mundos interiores da consciência, movida pelo anseio de união em uma dimensão mais ampla da vida, cantando os mistérios íntimos do sentido transcendente, designado “místico” – isto é, ligado ao mistério da vida, da divindade e do cosmos (RAY, 2004).

O estado místico é assim descrito pelo psicólogo italiano Assagioli (2013, p. 216): “no bom e preciso sentido religioso, significa: união de amor com Deus, um estado de êxtase espiritual acompanhado de beatitude, esquecimento de si mesmo e de todas as realidades externas”. No fenômeno cultural descrito como poesia “mística”, este termo sugere uma expansão da consciência. Para Tagore (1996), a expansão dos limites da consciência para além da noção de ego, isto é, para além da identidade com um “eu”, é um exercício de liberdade em que se reconhece a relação entre o ser vivo e o ambiente que o envolve, a relação entre o individual e o universal, em um processo de “despertar” da consciência que propicia a liberação da ignorância (*avidya*, em sânscrito), conduzindo o ser para além do que é conhecido. Nesta busca de realização da própria personalidade, o homem criaria

um vasto corpo de símbolos que expressariam, segundo o escritor indiano, as transformações da consciência, manifestando-se, sobretudo, na arte.

O despertar místico se dá por meio de uma experiência geralmente intuitiva, espontânea e visionária ou sinestésica, na qual surgem imagens do inconsciente coletivo trazendo à tona símbolos que são então elaborados pelo ofício literário, a partir do material bruto da epifania vivida. A transposição de tais experiências epifânicas, dando forma à obra literária, tem como consequência implicações éticas, não apenas para a consciência que se ocupa da atividade criativa da escrita, mas para os seus leitores, consequências estas que se ampliam para além da mera estética literária.

Dhar (2004), estudioso da obra de Rabindranath Tagore, sustenta que, em sua poesia, os símbolos espirituais encarnam em objetos do mundo e, nesse sentido, o poeta se aproxima do visionário. Segundo Frye (1962, p. 7), o poeta visionário cria ou reside em um mundo espiritual em que os objetos da percepção se transfiguraram sob uma nova luz de simbolismo.

Na poesia visionária de Tagore, a consciência, chamada intuitivamente à experiência da devoção poética, expressa uma transformação da qual a arte é testemunha: o fenômeno da inspiração conduz à ampliação das cosmovisões, por meio de um prisma integralista em que a música, a literatura e outras artes estão harmonicamente unidas. Na Índia, a escritura *Natya Shastra* (século II a.C.), composta em versos, conserva os conhecimentos da antiga arte em que estão integrados o drama, a dança e a música, tradição que influenciaria a obra de Rabindranath. Tendo em vista que Tagore compôs canções, peças de teatro (poemas dramáticos), textos filosóficos, poesia e romances, além de ter proferido discursos em diversos países do mundo – o que lhe valeu a alcunha de “*Vishva Kavi*” (poeta universal) –, a diversidade estilística de sua obra apresenta multiformes visões sobre a espiritualidade indiana. Ao mesmo tempo, a escrita de Tagore ganha em originalidade ao transpassar essa tradição.

Segundo Dhar (2004), as canções de *Gitanjali* não evocam a renúncia ao mundo – tão comum na mística oriental – mas, antes o encontro do transcendente no imanente: “Deliverance is not for me in renunciation. I feel the embrace of freedom in a thousand bonds of delight [...] No, I will never shut the door of my senses”<sup>3</sup> (TAGORE, 1997, p. 91). Redigida na pena de um poeta bilíngue, a escritura de Tagore expressa o jogo entre os caminhos espirituais tradicionais, coletivos, e a descoberta de uma relação única e próxima com a divindade, que não é mediada pelas formas convencionais da religião, mas que se apresenta no rito da escritura poética. Ao integrar elementos da cultura ocidental ao seu pensamento, a poesia de Tagore canta a vivacidade que surge dos estados sutis da consciência, refletida nos elementos da natureza:

‘What language is thine , O sea?’  
 ‘The language of eternal question.’  
 ‘What language is thine, O sky’  
 ‘The language of eternal silence’.<sup>4</sup> (TAGORE, 1994, p. 398).

O presente estudo perpassa algumas correspondências e convergências entre a escrita poética de Octavio Paz e Rabindranath Tagore, enfatizando as relações entre música, escrita poética e devoção espiritual, identificando, como meta, a existência de uma “inteligência mística” – utilizando-nos das palavras do escritor e monge espanhol do século XVI, San Juan de la Cruz (DE LA CRUZ, 1991, p. 9).

Contemporaneamente, a chamada inteligência mística remanesceria no senso poético de Octavio Paz (1914-1998), no fenômeno da *outridade*, uma espécie de desdobramento do “eu” em “outro”, que se manifesta na experiência poética como uma outra voz, de outro tempo ou de distintas temporalidades. Assim como para Tagore a Arte revela o homem (TAGORE, 1996), para Octavio Paz a poesia revela a condição humana. O caráter de “revelação” se demonstraria sobretudo na relação da poesia com o tempo, em que o fenômeno da inspiração se manifesta instantâneo no presente, como a irrupção de um lampejo intuitivo que aproxima as imagens poéticas do diálogo visionário com o transcendente, isto é, aquela dimensão da experiência humana que escapa à linguagem prosaica, fenômeno que a moderna psicologia denomina inconsciente.

## 1 A PALAVRA-IMAGEM E OS SÍMBOLOS SONOROS

Na poesia de Tagore, a musicalidade ressoa como harmonia inerente à busca da verdade humanamente possível. Assim, a música se apresenta como fogo que se expande em sentimento e pensamento: “The fire of music you lit up in my soul/Has spread into all my being”<sup>5</sup> (SARKAR, 2004, p. 172).

Os elos entre o som, o verbo, o poema-canto e a criação da consciência são muito antigos. Ideias que remetem ao Egito antigo, herdadas pelo filósofo grego Pitágoras, atestam que a música é concebida como harmonia que mantém a ordem dos mundos, como um eco do som primordial que ressoa desde a origem do universo; este som seria a força que sustém o cosmos existente ante a sua dissolução no caos. O nome que os hindus dão à consciência universal, Brahma, originariamente significa “força mágica”, “palavra sagrada”, “hino”. De acordo com o indólogo Zimmer (1986. p. 66), *Brahman*, além de significar “linha, verso, estrofe”, representa o poder cósmico, a essência de tudo que somos e sabemos, associando-se aos hinos, ritos e encantamentos.

A poesia de Tagore reverencia a fala musical da harmonia criadora da vida, em um diálogo poético que aproxima o homem e a divindade, contemplando a amplitude dos sentimentos que alcançam a condição humana:

He it is, the innermost one, who awakens my being with his deep hidden touches.

He is who puts his enchantments upon these eyes and joyfully plays on the chords of my heart in varied cadence of pleasure and pain.<sup>6</sup> (TAGORE, 1997, p. 90).

Ao abordar a dimensão mitopoética da imaginação, é possível observar sob nova luz os tesouros da sabedoria poética transcendental, que abre uma cosmovisão fundada na realidade psíquica, para além do realismo causal da ciência clássica ocidental. Em seu ensaio sobre a vida e a obra da poetisa mexicana Sor Juana Inés de la Cruz, Octavio Paz escreveu: “la poesía, arte verbal, es palabra rítmica que se dice y se oye”<sup>7</sup> (PAZ, 1983, p. 405). Analogamente, no poema dramático *La hija de Rapacini*, Paz (1997, p. 254) descreve: “La imaginación, a veces, nos hace ver y hasta oler”<sup>8</sup>. A realidade psíquica adentra o “terreno da ‘natureza espiritual’, do ‘acontecimento anímico’, da faculdade visionária e da imaginação ativa” (CIRLOT, 2005, p. 152). Nesta dimensão, são comuns as sinestesias e a visão integrativa em que se dá a conjunção de forças opostas.

A partir da hermenêutica da imaginação e da experiência visionária, delineada pelo filósofo francês Corbin (2003), podemos interpelar a poesia dos cânticos teofânicos pela via da “dramaturgia da alma” (CIRLOT, 2005, p. 160). A dramaturgia da alma traz à cena o entendimento dos fenômenos da epifania poética, que se constituem fontes originárias de uma transformação vital da consciência, passíveis de se cristalizar em formas líricas, revelando o “surgimento de figuras” da imaginação criadora, e a “aventura espiritual” pessoalmente vivida pelo poeta.

## 2 A AUDIBILIDADE DO INAUDÍVEL E A VISIBILIDADE DO INVISÍVEL: FRONTEIRAS DA PALAVRA

Translumbamiento:  
 no pienso, veo  
 – no lo que veo,  
 los reflejos, los pensamientos veo.  
 Las precipitaciones de la música,  
 el número cristalizado.  
 Un archipiélago de signos,  
 Aerofanía,  
     boca de verdades,  
 claridad que se anula en una sílaba  
 diáfana como el silencio:  
 no pienso, veo  
     – no lo que pienso,  
 la cara en blanco del olvido,  
 el resplandor de lo vacío.  
 [...]  
     La irrealidad de lo mirado  
     da realidad a la mirada  
 [...]  
 El habla  
     irreal  
 da realidad al silencio. (PAZ, 1997,  
 s/p).



A obra poética do mexicano Octavio Paz deixa entrever uma “inteligência mística” que sugere “mistérios” da ordem do inenarrável, descritos como inefáveis, para os quais a linguagem prosaica comum parece insuficientemente dotada de expressividade. Os versos do poema *Blanco* (de 1966) testemunham as aparições e desapareções do sentido que se dissolve na palavra-som quando esta evolui no ar e se dissipa no silêncio. O mistério poético expressa uma via possível para a transcendência da dualidade nomeada pelo par irreal-real. Esta possibilidade de leitura repousa no entendimento de que a consciência seria o olho que testemunha e dá forma à realidade: “La irrealidad de lo mirado/da realidad a la mirada”, canta o poema.

O poema *Blanco* remete o leitor a uma realidade percebida através da interiorização, acessível num ato de voltar-se para si. Então, o olhar dirigido a esse espaço de “brilho vazio” reconhece que a consciência vê a si mesma quando olha a irrealidade do mundo, percebendo a realidade do Ser, sede da consciência e do olhar, como sendo a única verdadeira essência do fundamento: “me miro en lo que miro/es mi creación esto que veo” (verso do poema *Blanco*) (PAZ, 1997, s/p).

Dentre as reflexões a que Paz nos convida, um conceito de coloração expressiva se insinua: a *outridade*. Com este nome, o poeta designa, entre tantas possíveis leituras, o arrebatamento ou inspiração lírica, em que aquele que tem a experiência, vive-a como se *outra* consciência a gerasse:

Mis pensamientos se deslizan como agua  
Inmóvil yo los veo alejarse entre los chopos  
Frente a la noche idéntica otro que no conozco  
También los piensa y los mira perderse.<sup>9</sup> (PAZ, 1997, p. 127).

A *outridade* se revela espontânea, como um “outro que não conheço”. E a escritura grafa sua imagem conforme a percepção momentaneamente dada na experiência poética, testemunhando o aparecimento de “outra voz” além da consciência do “eu”, atestando a existência de uma instância autônoma do inconsciente, manifesta no fenômeno da inspiração. Octavio Paz pergunta: “Si la inspiración es una ‘voz’ que el hombre oye en su propia conciencia, ¿no será mejor interrogar a esa conciencia, que es la única que la ha escuchado y que constituye su ámbito propio?”. (PAZ, 1972, p. 165).

### 3 MITOPOESE: A TEOFANIA NA GÊNESE DA EXPERIÊNCIA POÉTICA

A consciência – conforme o pensador e físico quântico indiano Goswami (2006a) – aparece-nos como a autêntica estância do ser, que preside aos fenômenos da vida e, convertendo possibilidades em atos, concebe a realidade como escolha. Indagar, portanto, à consciência a respeito da manifestação da inspiração lírica e a experiência teofânica, significa ouvir “outra voz” no poema e

aproximar-se da luz natural de seus versos, conforme o leitor os experimenta subjetiva e intuitivamente:

A moment's flash of lightning drags down a deeper gloom on my sight, and my heart gropes for the path to where the music of the night calls me.

Light, oh where is the light! Kindle it with the burning fire of desire! It thunders and the wind rushes screaming through the void. The night is black as a black stone. Let not the hours pass by in the dark. Kindle the lamp of love with thy life.<sup>10</sup> (TAGORE, 1997, p. 43).

Na prosa poética de Rabindranath Tagore, a inspiração aparece como luminosidade instantânea, lampejo de intuição, visão (imagem) e música (som). Na antiga língua sânscrita dos hinos védicos da Índia, as palavras “som” e “luz” são análogas: *svara* e *svar*, respectivamente (SCHNEIDER, 1957). No poema supra, a imagem poética emerge da fúria dos entes da natureza e seus sons e, com o ímpeto do vento voraz, consubstancia na figuração do fogo a transformação da consciência como luz que mostra a profundidade das trevas. Para as cosmovisões do mundo antigo, “a fonte de onde emana o mundo é sempre uma fonte acústica”, segundo o musicólogo brasileiro Wisnik (1989, p. 38). Assim, no poema de Tagore, a imagem do relâmpago que mostra a profundidade da escuridão assinala o despertar da consciência e a criação do mundo cultural e espiritual humano, arrancado da noite dos tempos primitivos.

Refletir o fundamento comum de poetas distantes entre si no espaço e no tempo, como Octavio Paz e Rabindranath Tagore, significa reconhecer outros níveis de vínculo possíveis entre os diversos timbres poéticos, que, pelo viés da literatura comparada, comungam símbolos imorredouros da cultura. Neste fundamento comum onde se reúnem os poetas em um banquete de símbolos, os fenômenos da imaginação criadora imantam diversos ramos do saber humano e sugerem que a poesia propicia a possibilidade de transformar a percepção humana e despertá-la para as dimensões mais sutis da consciência.

#### 4 A TRANSCENDÊNCIA DO ESPAÇO E DO TEMPO: A BUSCA DO VERBO ORIGINAL

La alegría madura como un fruto  
El fruto madura hasta ser sol  
El sol madura hasta ser hombre  
El hombre madura hasta ser astro.  
(PAZ, 1997, p. 129).

A alegria criadora advinda da epifania poética é um arroubo da consciência que historicamente impulsionou o homem para além de seus limites temporais e



espaciais. “La experiencia de lo sagrado es la revelación de nuestra condición original”<sup>11</sup>, escreve Octavio Paz (1972, p. 145). Esta revelação da condição humana, manifesta na experiência do sagrado, dá testemunho do despertar da consciência para novas perspectivas sobre a vida.

Na epifania poética, o desejo de união com a divindade remete à unidade originária anterior ao nascimento, ao tempo anterior aos começos e posterior ao fim. Paz (1983, p. 405) escreve: “la verdadera originalidad es, siempre, un regreso al principio: el arte es un continuo recommienzo”. A experiência da união, pelo prisma dos novos paradigmas do conhecimento focado na síntese de ciência e espiritualidade (GOSWAMI, 2006b), é vista como a manifestação de uma consciência cósmica e não local, isto é, que transcende o tempo-espço. Por esse prisma, o “beber na Fonte original” significa encontrar o nascimento da consciência mesma na gênese da arte poética. Assim, arte e vida se encontram em correspondência, e a obra transcende a dimensão individual do artista.

A transcendência se dá quando a consciência concebe sua dimensão *supraindividual*, e percebe sua existência não restrita a um corpo, a um nome, uma idade, descobrindo seu parentesco com o universo herdeiro de inúmeras eras. “A poesia eleva cada indivíduo através de uma ligação específica com o todo restante”, escrevera Novalis (1989, p. 121). Contudo, a união transcendente, a suprema síntese e conjunção da consciência, é, por enquanto, um anseio, um desiderato. Um desejo encarnado no corpo poético. Poesia: campo onde os desejos vicejam.

## 5 O FOGO DA COMUNHÃO: CÂNTICOS DO AMANTE E DO AMADO

À aspiração de integração da consciência individual no Ser supremo, *supraindividual* (conhecido na Índia como *paramatma*), corresponde o anseio do amante pelo amado, presente nos versos do *Cântico espiritual*, do poeta e religioso espanhol San Juan de La Cruz:

Esposo  
 ¡Oh cristalina fuente,  
 si en esos tus semblantes plateados  
 formases de repente  
 los ojos deseados  
 que trago en mis entrañas dibujados!  
 [...]  
 Esposa  
     Mi Amado, las montañas,  
 los vales solitarios nemorosos,  
 las ínsulas extrañas,  
 los ríos sonorosos,  
 el silbo de los aires amorosos,  
  
     la noche sosegada  
 en par de los levantes de la aurora,

la música callada,  
la soledad sonora,  
la cena que recrea y enamora. (DE LA CRUZ, 1991, p. 14).

Os versos de San Juan de La Cruz têm a força sutil mas enérgica de uma unção. A devoção que mana de seu *Cántico* unge a palavra poética com a transparência lúcida e enamorada do ato criador. O poema entoado como um hino exalta a criatura, atraindo para si o ser amado: ao encarnar-se no ritmo dos versos, o inefável torna-se momentaneamente tangível, corporifica-se na imagem-som, num espaço fora do tempo, qual se o céu beijasse a terra. O “beijo do Eterno” é uma imagem familiar também à poesia de Rabindranath Tagore, simbolizando a plenitude momentânea manifesta na experiência poética no fenômeno da inspiração.

Correspondendo-se com a inteligência mística da poesia de San Juan, o desejo de união arde, sublimado e numinoso, nos versos da poetisa e monja francesa Thérèse Martin de Lisieux (1873-1897), em tradução/recriação pela escritora portuguesa Maria Gabriela Llansol (1931-2008):

Ninguém \_ poderá contemplar a tua glória \_  
Sem atravessar \_ o fogo e a sua memória \_ Eu  
Escolhi para meu purgatório \_ O teu Amor  
Incandescente \_ Ó coração do meu Amado  
Desejo profundamente \_ ao deixar esta vida  
Que \_ minh'alma \_ seja um acto de puro amor \_  
Como?, não sei \_ Mas fazê-lo, eu quero \_ E sem  
De longas, mergulhar na Tua \_ Incandescência. (LISIEUX, 1999, p. 147).

O fogo aparece como o símbolo maior da união. O fogo é uma imagem arquetípica muito antiga da divindade (Moisés e a sarça ardente, por exemplo). Na chama convergem a eternidade e o instante: contempla-se o transcendente amado na incandescência do fogo presente. A consciência amorosa crepita no sentimento teofânico. No instante eterno do poema, cintila a visão da união porvindoura, não somente enquanto promessa, mas enquanto meta, estabelecendo a momentânea imersão do limitado no infinito.

A união mística paira enquanto vige a inspiração, no espaço do lampejo das intuições; como a luz natural, expande-se e se dissipa: a epifania se realiza em obra, ainda que efêmera, espalhando sementes para o entendimento humano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do ponto de vista da cosmovisão oriental, o poema pode ser concebido como um ente vivo, dotado de fala, com sua linguagem de imagens em movimento

e em perpétua transformação. Enquanto invenção humana, guarda a imagem de seu “criador”. À semelhança do *espírito* que lhe confere existência, o *alento*, sopro de voz cristalizado em imagem, a poesia mística é símbolo, realização cultural de algo ainda desconhecido – espelho do invisível –, um mistério capaz de transformar a consciência, voltada já não para um além, mas para o presente – e nisto consiste a dimensão ética da consciência que encontra, na experiência do transcendente, repertório inaudito para invocar o sagrado, talhando-o na arte e transformando a obra em símbolo vivo.

Nas palavras de Tagore (1997, p. 51), a liberdade última que o homem deseja, em face da divindade, reside na ética consciente do presente, na comunidade com os demais seres:

Where the mind is without fear and the head is held high;  
Where knowledge is free;  
Where the world has not been broken up into fragments  
by narrow domestic walls;  
Where words come out from the depth of truth;  
Where tireless striving stretches its arms towards  
perfection;  
Where the clear stream of reason has not lost its way into  
dreary desert  
sand of dead habit;  
Where the mind is led forward by thee into the ever-  
widening thought  
and action –  
Into that heaven of freedom, my Father, let my country  
awake.<sup>12</sup>

A ética que flui da experiência poética paira além do esteticismo literário. É conhecimento humano que extrapola as limitações de espaço, de tempo – categorias cunhadas pela física clássica –, pairando além das ideias cartesianas presentes na cosmovisão dualista que cinde o humano em mente e matéria.

O poeta consciente que volta seu olhar para as estrelas, enxerga ali o cosmo íntimo, e escolhe não se perder na contemplação cega, mas compartilhar com seus contemporâneos a vitalidade que mana de seus versos como forma de reconciliação com o tempo presente da humanidade, ciente das profundas raízes do drama histórico. Por esse prisma, a poesia, provida da inteligência mística, é capaz de reunir as tradições milenares e o saber contemporâneo.

## Notas

<sup>1</sup> A experiência visionária ou transcendente é a vivência que se dá em estados alterados de consciência, nos quais se manifestam imagens simbólicas, as quais, segundo Winkelman

(2010), predisõem uma variedade de estruturas pré-linguísticas e processos de conhecimento, um rico sistema de informação subjacente à consciência racional baseada na linguagem dos seres humanos modernos.

<sup>2</sup> “Tagore intentou representar em sua poética ‘a grande música do mundo’ que ele ouviu e sentiu em toda parte. Ele quis expressar em sua poesia a alegria e a simplicidade da criação, tornando, assim, sua própria vida simples e reta, ‘como uma flauta de bambu’ em que a Divindade ‘sopra sua música’. A Oferenda Lírica celebra a grande harmonia e júbilo da Criação. Tanto no tema quanto na estrutura os poemas da Oferenda Lírica de Tagore são musicais e líricos, enriquecidos pela ‘música das ideias’ do poeta, assim como a musicalidade condensada nos padrões estruturais, logrados pelo escritor através da rara conjunção entre discurso e harmonia”. (Tradução nossa, assim como todas as outras traduções aqui apresentadas de textos não publicados no Brasil).

<sup>3</sup> “A libertação não reside para mim na renúncia. Eu sinto o abraço da liberdade em mil laços de deleite [...] Não, eu jamais fecharei ao mundo a porta dos meus sentidos”.

<sup>4</sup> “– Qual é a tua linguagem, ó oceano?

– A linguagem da eterna pergunta.

– Qual é a tua linguagem, ó céu?

– A linguagem do eterno silêncio”.

<sup>5</sup> “O fogo da música, que acendeste em minha alma/Espalhou-se por todo o meu ser”.

<sup>6</sup> “Ei-lo, o recôndito, que desperta meu ser com seus profundos toques ocultos. Aquele que põe seus encantamentos sobre esses olhos e alegremente toca os acordes do meu coração em diversas cadências de prazer e de dor”.

<sup>7</sup> “A poesia, arte verbal, é palavra rítmica que se diz e se ouve”.

<sup>8</sup> “A imaginação, às vezes, nos faz ouvir e até mesmo sentir com o olfato”.

<sup>9</sup> “Meus pensamentos deslizam como água  
Imóvel, eu os vejo ao longe entre os choupos  
Frente à noite idêntica, um outro que não conheço  
Também os pensa e os vê se perderem”.

<sup>10</sup> “Um relâmpago instantâneo arrasta a treva abissal em meu olhar, e meu coração tateia o caminho que leva aonde a música da noite me chama. Luz, ó onde está a luz! Acenda-a com o fogo ardente do desejo! Troveja e o vento avança a gritar através do vazio. A noite é negra como a pedra preta. Não deixe as horas passarem na penumbra. Acenda a lâmpada do amor com a tua vida”.

<sup>11</sup> “A experiência do sagrado é a revelação da nossa condição original”.

<sup>12</sup> “Onde a mente nada teme e a cabeça se mantém erguida;/Onde o conhecimento é livre;/Onde o mundo não foi feito em pedaços por estreitos muros domésticos;/Onde as palavras brotam das profundezas da verdade;/Onde o esforço infatigável estende seus braços em torno à perfeição;/Onde a límpida corrente da razão não perdeu seu rumo nas monótonas areias desérticas do hábito estagnado;/Onde a mente é guiada por ti rumo ao pensamento e à ação sempre mais amplos;/Neste céu de liberdade, meu Pai, permita que minha terra desperte”.

- ASSAGIOLI, Roberto. **Psicossíntese**. As bases da psicologia moderna e transpessoal. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 2013.
- CIRLOT, Victoria. **Hildegard von Bingen y la tradición visionaria de occidente**. Barcelona: Herder editorial, 2004.
- CORBIN, Henry. **Tiempo cíclico y gnosis ismailí**. Biblioteca Nueva: Madrid, 2003.
- CRUZ, Sor Juana Inés de la. **Obras Completas**. México: Editorial Porrúa, 1969.
- DE LA CRUZ, San Juan. **Obra completa**, 2. Alianza Editorial: Madrid, 1991.
- DHAR, Subir. Tagore's Gitanjali and the joyous kingdom of play. In: RAY, Mohit K. **Studies on Rabindranath Tagore**. Vol. I. Atlantic: New Delhi, 2004. p. 96-101.
- FRYE, Northrop. **Fearful Symmetry**. Boston: Beacon Press, 1962.
- GOSWAMI, Amit. **O Médico quântico**. Tradução de Euclides Luis Calloni e Cleusa Margô Vosgrau. São Paulo: Cultrix, 2006a.
- GOSWAMI, Amit. **Janela visionária**. Tradução de Paulo Sales. São Paulo: Cultrix, 2006b.
- LISIEUX, Thérèse Martin de. **O alto voo da cotovia**. (Un Cantique D'Amour). Relógio d'água: Lisboa, 1999.
- NOVALIS. **Pólen**. Tradução de Rubens R. Torres. São Paulo: Iluminuras, 1989.
- PAZ, Octavio. **El arco y la lira**. FCE: México, 1972. 305 p.
- PAZ, Octavio. **Sor Juana Inés de la Cruz o las trampas de la fe**. México: FCE, 1983.
- PAZ, Octavio. Obras completas, 11. **Obra poética I**. México, FCE, Círculo de lectores, 1997.
- RAY, Mohit K. **Studies on Rabindranath Tagore**. Vol. I. Atlantic: New Delhi, 2004.
- SARKAR, Subhas. Music in Tagore's poetry: an insight into Song Offerings. In: RAY, Mohit K. **Studies on Rabindranath Tagore**. Vol. I. Atlantic: New Delhi, 2004. p. 172-179.
- SCHNEIDER, Marius. Primitive music. In.: Egon Wellesz (Ed.). **Ancient and oriental music**. London: Oxford University Press, 1957. p. 1-82.
- TAGORE, Rabindranath. **The English writings of Rabindranath Tagore**. Vol. 1, Poems. New Delhi: Shahitya Akademi, 1994.
- TAGORE, Rabindranath. **The English writings of Rabindranath Tagore**. Vol. 3. New Delhi: Shahitya Akademi, 1996.
- TAGORE, Rabindranath. **Gitanjali**. New York: Scribner poetry, 1997.
- WINKELMAN, Michael. **Shamanism: a biopsychosocial paradigm of consciousness and healing**. Santa Barbara: Praeger, 2010.
- WISNICK, José Miguel. **O som e o sentido**. São Paulo: Cia. das letras, 1989.
- ZIMMER, Heinrich. **Filosofias da Índia**. Tradução de Nilton A. Silva. São Paulo: Palas Atena, 1986.

---

## Para citar este artigo

---

ABREU, Tiago Eric de. Poesia além do espaço e do tempo: hinos epifânicos na lírica do ocidente e do oriente. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 6, n. 1, p. 98-111, jan.-abr. 2017.

---

## O autor

---

[Tiago Eric de Abreu](#) é graduando em Letras pelo ILEEL – Instituto de Letras e Linguística da UFU – Universidade Federal de Uberlândia, pesquisa a literatura poética hispano americana e indiana. Em 2017, publicou o livro de poesia “Maná”.

**Apoio e financiamento: FAPEMIG/UFU.**